

# **Emprego e Dinâmica Populacional na Zona da Mata de Minas Gerais no período de 1960 a 2000**

Maria Cristina Silva de Paiva  
Paulo Shikazu Toma

## **1. Introdução**

Segundo a caracterização de áreas de atração e evasão populacional no Brasil realizado em 1979, as áreas de fortíssima evasão populacional eram áreas de elevadas perdas rurais localizadas na região Sudeste e que poderiam ser classificadas como áreas com mudança da estrutura produtiva rural a partir da erradicação dos cafezais antieconômicos e substituição de lavouras pela pecuária em caráter preponderante (IBGE, 1979). Quanto às áreas de atração, estas se dividiam em áreas interioranas de ocupação em grande extensão, como as áreas dos cerrados ao sul do Mato Grosso e oeste paranaense e catarinense, e em áreas de forte concentração urbana na porção oriental do país, em uma faixa predominantemente litorânea, caracterizada por crescente processo de metropolização.

De acordo com suas características históricas, desde o início do século XX foi possível caracterizar a Zona da Mata de Minas Gerais como uma região tipicamente de emigração. As bases da sua economia ocorreram na agropecuária e na cafeicultura porém, à medida que estes setores se desaqueceram, assistiu-se à estagnação da região. A atividade agropecuária se dava sob o modelo tradicional de exploração extensiva, que não foi suportado pelas condições de relevo do solo e por falta de capital oriundo do incipiente setor industrial. A cafeicultura sofreu os impactos de dois programas de erradicação de cafezais, o que determinou a situação econômica da Zona da Mata como problemática e estagnada. Na década de 1960 esta região estava inserida entre as áreas prioritárias de reforma agrária em virtude da predominância de minifúndios e era cenário da evasão populacional em função da falta de desenvolvimento de atividades compensatórias na absorção de mão-de-obra (LOGATO, 1994). Dessa forma a região liberou parcelas de sua população, que se deslocaram para outras regiões de maior sucesso econômico.

Como as décadas de 1960/1970 foram de efetiva transformação da economia nacional, ficando a agricultura em segundo plano em função da expansão industrial, até 1980 a região da Zona da Mata não pôde reverter seu quadro, assistindo a pequenas taxas de crescimento demográfico (0,31% de 1960 a 1970 e 0,84% de 1970 a 1980) e

perda da participação populacional em relação ao seu Estado (0,016% em 1960 a 1970 e 0,013% de 1970 a 1980) (IBGE).

Tendo em vista a proximidade espacial e o baixo nível de capitalização dos trabalhadores rurais, supõe-se que as evasões populacionais ocorridas na região da Zona da Mata a partir de fins da década de 1960 e início de 1970, predominaram em direção aos centros urbanos nacionais como São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo com a expansão dos índices de urbanização.

O período de 1960 a 1970 foi marcado por altos índices, tanto regionais, como nacionais, de urbanização e de transferência de atividades agropecuárias para as não-agropecuárias. Em 1960, em Minas Gerais, 60% da população economicamente ativa atuava no setor agropecuário, em 1970 esse percentual caiu para 50% e em 1980 para 32%. Também se apresentavam altos no final da década de 70, os índices do Estado referentes a empregos nos setores industriais, principalmente na indústria de transformação, construção civil e comércio. No total esses setores ocupavam, em 1979, 40% da População Economicamente Ativa (BDMG, 1985).

No entanto, o ritmo de ocupação da mão-de-obra no Brasil assistido a partir da década de 1950, começa a se desacelerar no início da década de 1980. Segundo POCHMANN (2000), nos anos 80 e 90 foram registradas grandes instabilidades econômicas, com fortes e constantes oscilações na produção. O predomínio de constantes movimentos de instabilidade macroeconômica impediu a elevação sustentada, tanto da renda per capita quanto da expansão da ocupação. O volume de empregos formais situou-se, em 1999, num patamar inferior ao verificado no ano de 1980, com cerca de 700 mil postos de trabalhos a menos, o que revelou uma taxa de desemprego no limiar do século XXI quase três vezes maior do que em 1980. Os elementos macroeconômicos contribuintes desse cenário foram: a) as alterações na composição da demanda agregada; b) a natureza da reinserção externa; c) o processo de reestruturação empresarial e d) o padrão de ajuste do setor público brasileiro.

Ainda segundo POCHMANN (2000), até o final da década de 1980, conforme as estatísticas oficiais, o desemprego no Brasil era relativamente baixo. A partir de 1990, a quantidade de pessoas sem emprego e procurando por um posto de trabalho aumentou consideravelmente, sem precedentes em qualquer período do século XX. O autor ressalta que, a partir desse período o desemprego mudou de perfil, deixando de ser um fenômeno que atingia segmentos específicos do mercado, como jovens, mulheres, negros e pessoas sem qualificação profissional, analfabetos e trabalhadores com

pequena experiência. O desemprego passou a ter alcance generalizado em praticamente todos os segmentos sociais, inclusive em camadas de maior escolaridade, profissionais com experiência em níveis hierárquicos superiores e em altos escalões de remuneração.

Analisando paralelamente a condição das regiões de expulsão, uma corrente de formulação antiga, mas de conteúdo aparentemente atual levanta a hipótese de que, para cada corrente migratória importante, desenvolve-se uma contracorrente. Isto ocorre, entre outras razões, pelo fato de que os fatores no local de destino podem desaparecer ou entrar em recesso, ou devido a uma reavaliação do balanço entre os fatores positivos e negativos prevalentes no local de origem ou de destino (LEE, 1980).

Mediante essa hipótese, pode-se supor que o cenário recessivo dos grandes centros nas décadas de 1980 e 1990 anulou parcialmente a atratividade que os mesmos exerciam anteriormente sobre a população das regiões de expulsão. Assim, poderia ocorrer a valorização de outras alternativas de ocupação econômica dentro da própria região, promovendo o estancamento das evasões populacionais. Essas novas alternativas poderiam estar representadas na reativação econômica de atividades microrregionais históricas que permaneceram latentes durante o processo de industrialização e/ou na criação e desenvolvimento de novas atividades para as quais a região oferece potencial, levando assim a uma redinamização local.

Diante desse contexto a hipótese fundamental deste trabalho é que, diante das recessões econômicas ocorridas na década de 1980 e 1990, a população das regiões como a Zona da Mata Mineira estariam encontrando como alternativa econômica a reativação de vocações históricas microrregionais e/ou a criação de novas atividades que se tornam satisfatoriamente rentáveis em face das potencialidades microrregionais. Esta dinâmica econômica traz, por sua vez, a retenção populacional, levando à redução de uma tendência de emigração ou de evolução nula da população regional. Dessa forma a Zona da Mata estaria, a partir de um determinado período no tempo, iniciando um processo de redinamização econômica, que se daria em resposta aos fatores negativos existentes nos grandes centros: a falta de empregos formais, os baixos salários, o subemprego e o deterioramento do nível de vida urbano.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica demográfica da Zona da Mata Mineira no período de 1960 a 2000, interpretando-as à luz do cenário econômico do período. Tem-se como hipótese que, a partir da década de 90, é revelada uma reversão da tendência emigratória, em reflexo das crises econômicas da década de 1980 e 1990.

## **2. Metodologia**

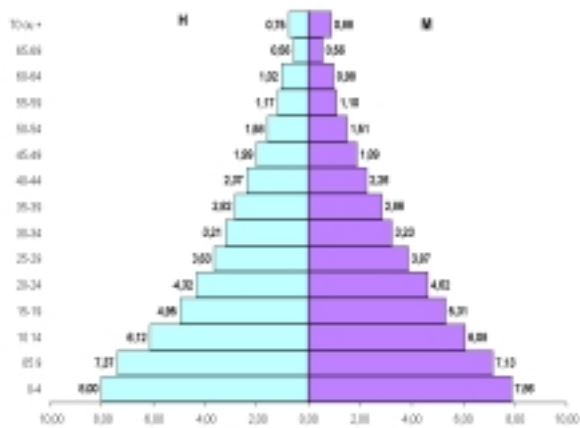
Este estudo foi realizado por meio de dados demográficos dos censos e dos anuários estatísticos da região da Zona da Mata Mineira por décadas, de 1960 a 2000. Por meio desses dados foram construídas as pirâmides de população, onde foi possível visualizar claramente o perfil demográfico da região quanto às faixas etárias.

A construção das pirâmides envolveu a coleta de dados absolutos da população residente, por sexo e faixa de idade, verificados nos Censos Demográficos do IBGE para as décadas de 1960, 1970, 1990 e 2000. Observa-se que para a década de 1990 foi publicado em 1991. A partir desses dados foram calculados os valores percentuais de cada faixa etária, para ambos os sexos, da área de estudo. Foram construídas também pirâmides demográficas para o Brasil, para o Estado de São Paulo e para o Estado de Minas Gerais.

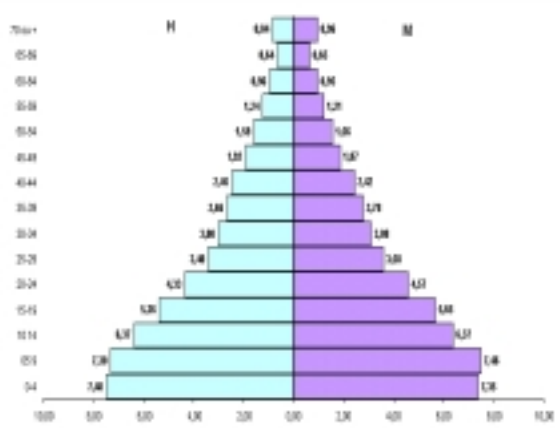
O procedimento de análise levou em consideração dois aspectos. Primeiro a análise comparativa entre as pirâmides da Zona da Mata Mineira e as pirâmides do Brasil, do Estado de Minas Gerais e do Estado de São Paulo. As pirâmides nacionais foram tomadas como parâmetro de análise quanto à estrutura mais geral da população total. As pirâmides de São Paulo foram tomadas como referência em termos de estrutura de população de região tipicamente receptora. As pirâmides do Estado de Minas Gerais foram tomadas como referência enquanto Estado onde se insere a região analisada. O segundo aspecto compreendeu a análise comparativa das pirâmides da Zona da Mata Mineira por década, com a finalidade de identificar a tendência dos movimentos demográficos verificados, destacando as faixas correspondentes à População Economicamente Ativa.

## **3. Análise dos Resultados**

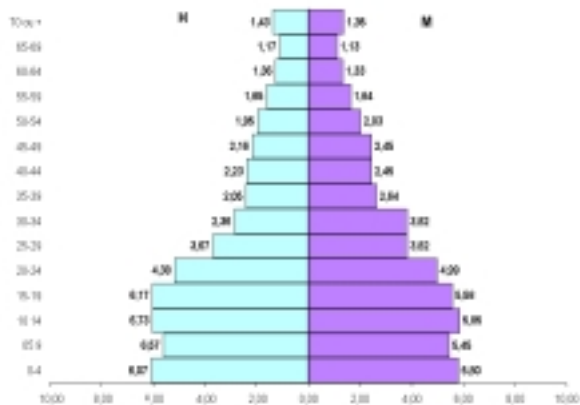
Para se realizar a análise do comportamento demográfico da Zona da Mata Mineira em termos de pirâmide demográfica, torna-se interessante uma breve descrição das pirâmides demográficas do Brasil, do Estado de Minas Gerais e do Estado de São Paulo. A Figura 1 reúne as pirâmides Brasileiras para o período estudado.



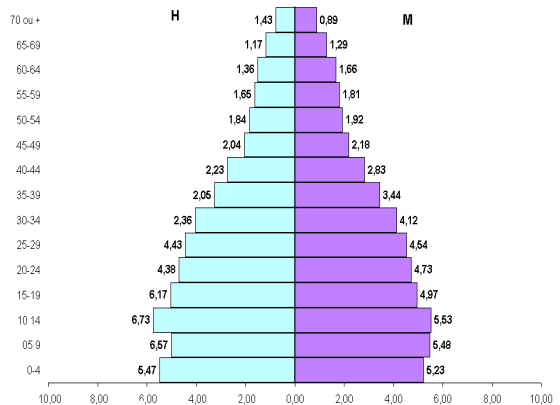
Década de 1960



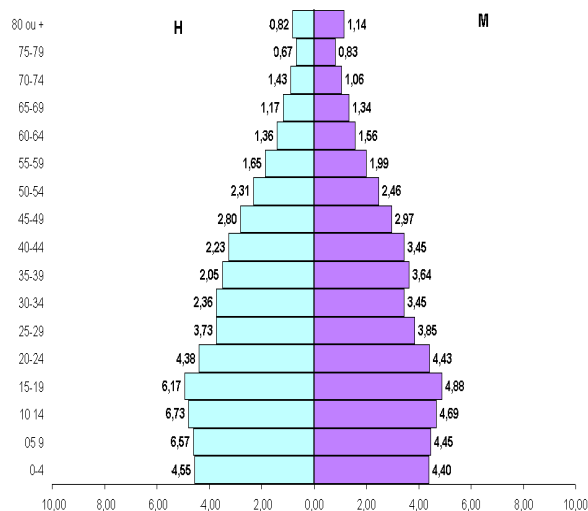
Década de 1970



Década de 1980



Década de 1990



Década de 2000

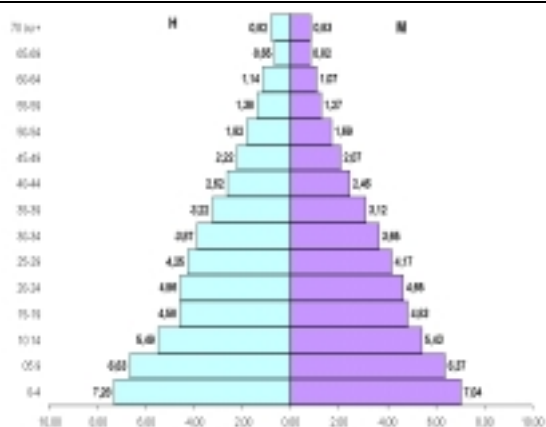
**Figura 1** - Pirâmides Demográficas do Brasil para as décadas de 1960 a 2000

Fonte: Trabalho elaborado com base nos dados do IBGE para as respectivas décadas

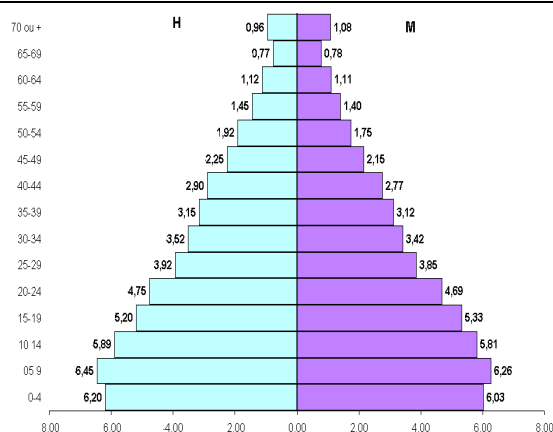
A pirâmide brasileira, em 1960, apresenta-se característica de países subdesenvolvidos, contendo base larga e topo estreito. Essa conformação de pirâmide reflete uma grande reserva de crianças em relação à reduzida presença de jovens e adultos e com baixa esperança de vida. Em 1970 a pirâmide mantém a mesma característica, com um sutil estreitamento da base. Em 1980 verifica-se uma proporção maior da população nas faixas correspondentes aos jovens e adultos jovens, o que reflete a redução da mortalidade infantil e redução das taxas de natalidade. Em 1990 observa-se a continuidade dessa tendência e o registro do aumento da esperança de vida, onde o topo da pirâmide aumenta, enquanto a base se estreita. Em 2000 o envelhecimento da população é evidente, com o estreitamento da base e o arredondamento do restante da pirâmide. Pela metodologia do IBGE a esperança de vida passa de 70 anos ou mais para 80 anos ou mais em para a década de 1990. Verifica-se que a estrutura da pirâmide brasileira é alterada ao longo do período. MORAIS (2002), afirma que o Brasil vive, ao longo das décadas, uma transição demográfica de país eminentemente jovem para país de população madura. Isso ocorre em função da queda da participação de jovens na estrutura etária do país e do crescimento da participação dos adultos e dos velhos.

Considerando que o Estado de São Paulo polarizou o processo de industrialização e urbanização brasileira, especialmente a partir da década de 60, torna-se interessante tomar sua pirâmide como parâmetro de região receptora de população em busca de ocupação. Observa-se suas pirâmides na Figura 2.

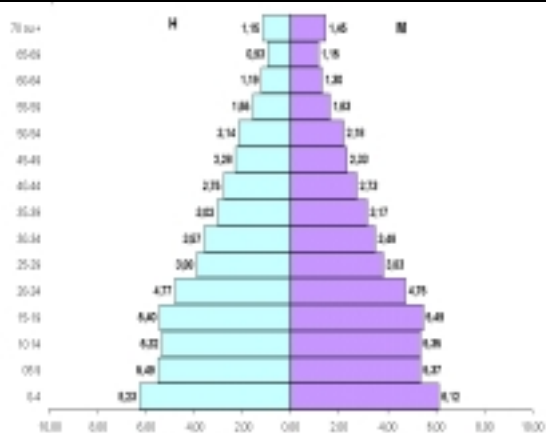
A pirâmide do Estado de São Paulo, em 1960 apresenta uma estrutura clássica de população jovem e observa-se a incidência maior de população masculina nas faixas da população economicamente ativa. RAVENSTEIN (1980) observou que a intensidade migratória é inversamente proporcional à distância, formando correntes que se orientam para os grandes centros comerciais e industriais absorvedores de migrantes. Nessas correntes predominam a presença masculina, na figura do provedor de famílias que por vezes o acompanha, por vezes não. Pode-se então inferir que a estrutura da pirâmide do Estado de São Paulo em 1960 é o reflexo dos diversos fluxos migratórios, dentre eles as correntes inter-regionais. Para 1970 e 1980 a formação é semelhante à pirâmide nacional, porém os eixos referentes às faixas etárias da população economicamente ativa encontra-se mais “cheia” em relação à pirâmide nacional.



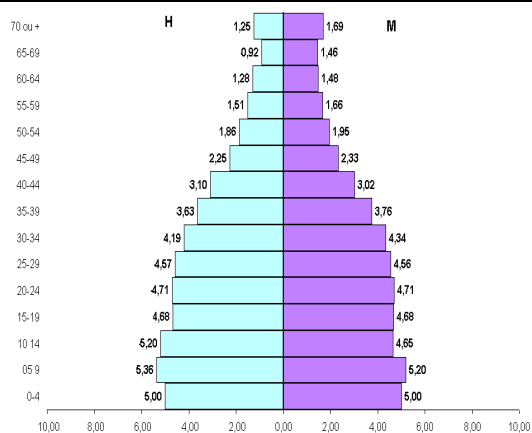
Década de 1960



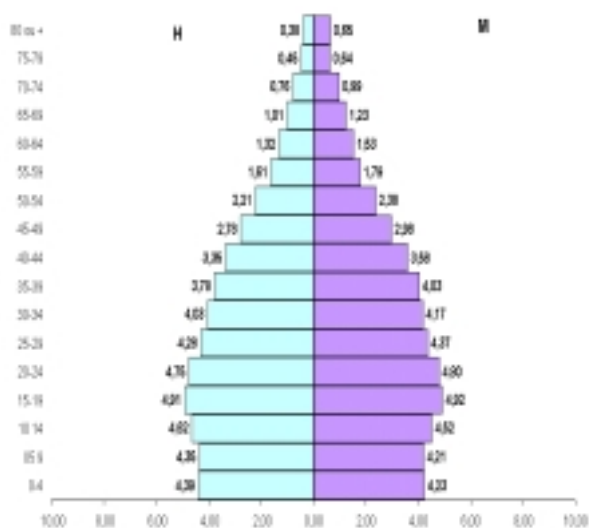
Década de 1970



Década de 1980



Década de 1990



Década de 2000

**Figura 2 - Pirâmides Demográficas do Estado de São Paulo para as Décadas de 1960 a 2000**

Fonte: Trabalho elaborado com base nos dados do IBGE para as respectivas décadas

Em 1990 a estrutura da pirâmide paulista é mais arredondada na parte inferior e afunilada no topo, indicando que, além do envelhecimento da população, verifica-se a presença da população em idade economicamente ativa.

Analisa-se também as pirâmides demográficas do Estado de Minas Gerais, unidade da federação onde se localiza a Zona da Mata, com o auxílio da Figura 3.

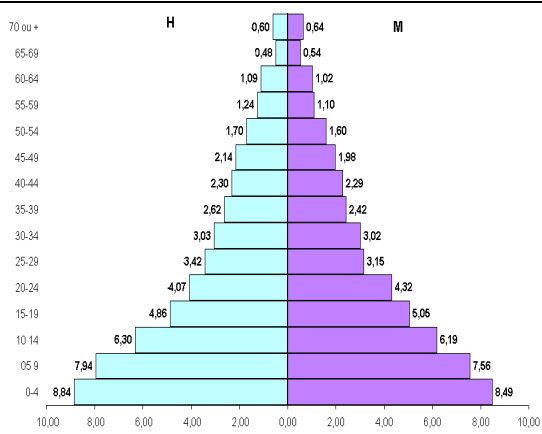
Em 1960 a pirâmide mineira apresenta base larga, estreitamento brusco nas faixas etárias que correspondem à população economicamente ativa, o que deixa implícito o movimento de evasão populacional ao longo da década anterior.

Em 1970 a faixa dos 0 a 4 anos encontra-se relativamente mais estreita, acompanhando a tendência nacional de queda da mortalidade infantil e também refletindo a queda da taxa de natalidade provavelmente em função da evasão de mulheres em idade fértil ao longo da década anterior. As configurações nas faixas etárias superiores indicam que continua o processo emigratório, e o estreitamento maior nas faixas acima de 25 anos confirma as perdas populacionais anteriores. Observa-se que há um contraste entre o estreitamento da pirâmide mineira e o enchimento da pirâmide paulista para a mesma faixa etária.

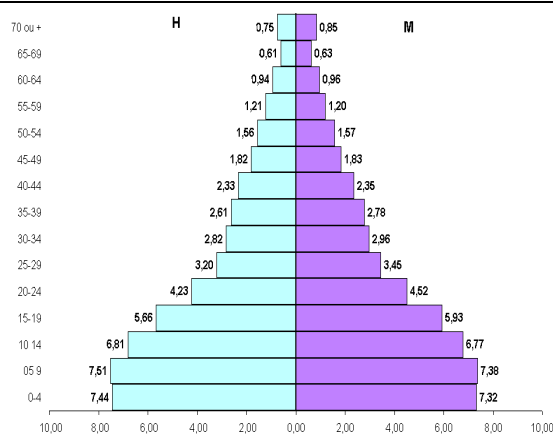
Em 1980, as faixas entre 0 a 20 anos, muito próximas em proporção, refletem as quedas nas taxas de natalidade das décadas anteriores em função da evasão de parcelas da população fértil, mas também refletem alguma retenção da faixa etária jovem na região. O estreitamento menos brusco nas faixas etárias imediatamente superiores, em relação à pirâmide de 1970, colaboram com a inferência a respeito da retenção da população. Pode-se associar esse comportamento ao desenvolvimento industrial impulsionado das décadas de 70 e 80, que levou o Estado a atrair empresas modernas e a promover a expansão dos investimentos industriais, elevando sua participação no desempenho nacional.

Em 1990 as pirâmides apresentam uma configuração de população relativamente estabilizada, caracterizando o processo de envelhecimento demográfico, indica a presença de população em idade economicamente ativa na região, mas ainda difere em formato em relação à pirâmide paulista, parâmetro de região polarizadora, nas faixas superiores, o que sugere que o predomínio de envelhecimento de migrantes nas regiões receptoras. Em 2000 o formato da pirâmide segue o padrão nacional, indicando o envelhecimento populacional.

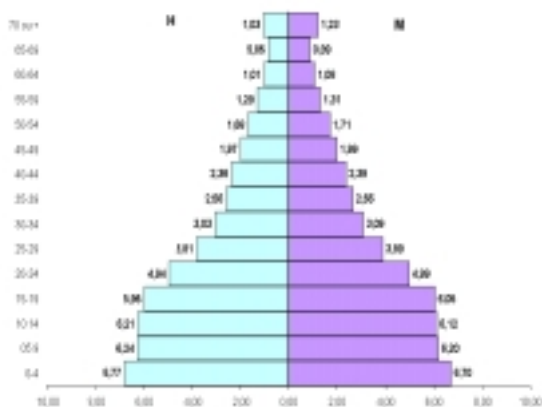




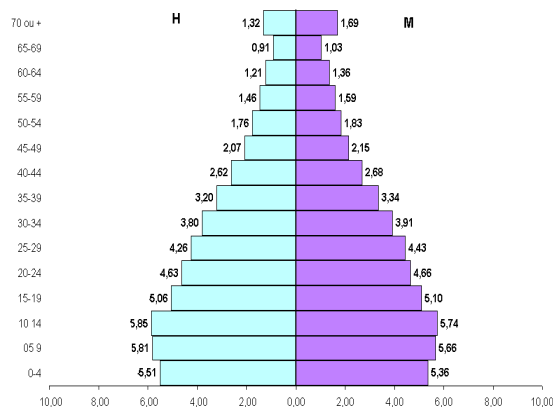
Década de 1960



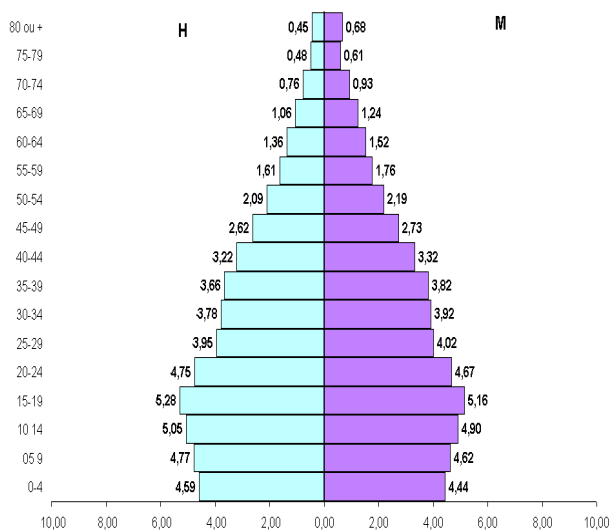
Década de 1970



Década de 1980



Década de 1990



Década de 2000

**Figura 3 - Pirâmides Demográficas do Estado de Minas Gerais para as Décadas de 1960 a 2000**

Fonte: Trabalho elaborado com base nos dados do IBGE para as respectivas décadas

Quanto à análise para a Zona da Mata, auxiliada pela Figura 4, a pirâmide de 1960 apresenta configuração semelhante à do Estado de Minas Gerais para mesma década com base bastante larga, porém um estreitamento mais intenso ao longo da figura.

Em 1970 destaca-se a distribuição em proporções bastante semelhantes para as faixas de 30 a 59 anos, indicando ter ocorrido forte evasão populacional na década de 60, atingindo principalmente, naquela época, a população entre 20 a 44 anos. A evasão também é evidente quando se focaliza o estreitamento das faixas de 20 a 29, indicando que ao atingir sua maioridade, a população tende a migrar. A observação é válida para os dois sexos e coaduna com o pressuposto de que, a ausência da população fértil pode ter colaborado com a queda da taxa de natalidade que, associada à queda da taxa de mortalidade, estreitou a base da pirâmide.

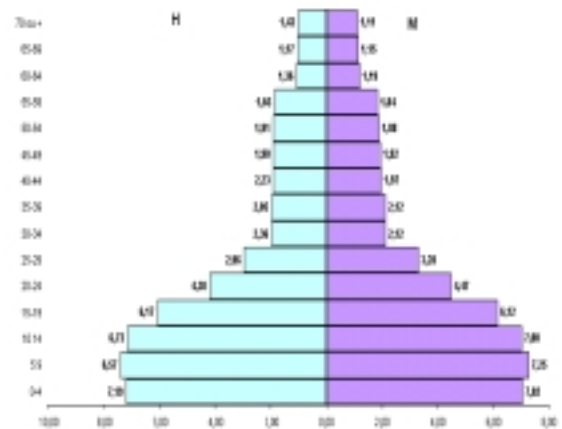
Na pirâmide demográfica de 1980 observa-se que as faixas etárias inferiores são pouco diferentes entre si, refletindo exatamente taxas de natalidade estáveis durante a década de 70, o que reflete o impacto da perda de população fértil que se verificou até então. Por outro lado, as variações entre as faixas de 20 a 34 anos, relativamente menos acentuadas do que as variações observadas na pirâmide de 1970, indicam que ao longo da década de 70 as emigrações não atingiram os níveis da década anterior, havendo já alguma retenção de população.

A pirâmide de 1991 apresenta uma configuração arredondada, indicando, além de uma população mais envelhecida, forte presença da população em idade economicamente ativa. Observa-se que o seu formato é bastante semelhante à pirâmide nacional do mesmo ano e que também é mais semelhante ao formato da pirâmide paulista do que em relação ao formato da pirâmide mineira. Especialmente as variações bastante pequenas entre as faixas de 20 a 44 anos indicam que na década de 80 a emigração ocorreu em ritmo bem menor, com uma maior retenção de população.

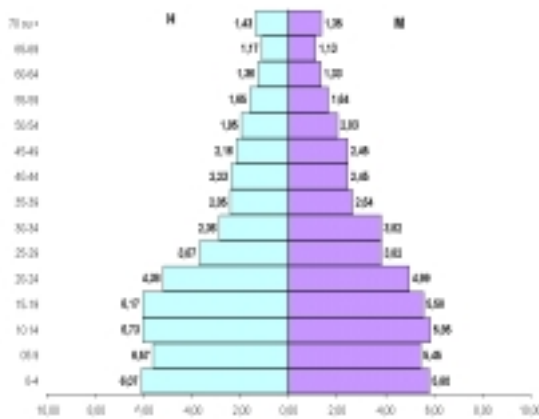
Em 2000 há a indicação de estabilidade da população. Não se observa o enchimento das faixas da população economicamente ativa, como é o caso da pirâmide paulista, região que continua a receber população, mas também não se visualiza estreitamentos bruscos para as mesmas faixas. O formato da pirâmide da Zona da Mata Mineira para 2000 tem formato semelhante à pirâmide brasileira e à pirâmide mineira. Infere-se que as circunstâncias econômicas e sociais da região permitiram a permanência de sua população.



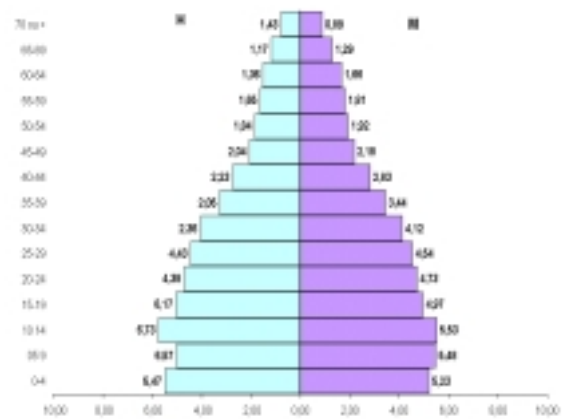
Década de 1960



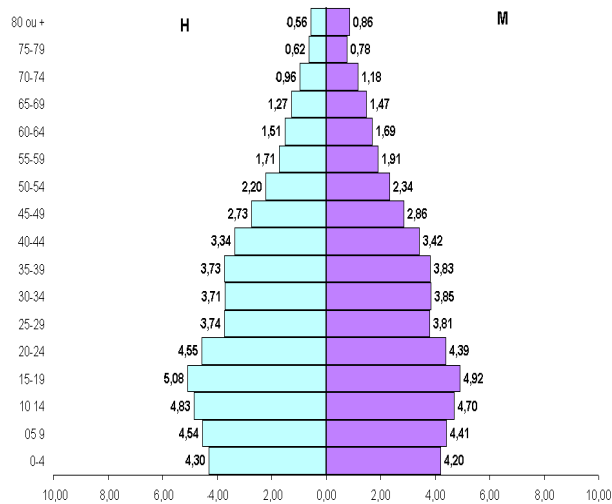
Década de 1970



Década de 1980



Década de 1990



Década de 2000

**Figura 4** - Pirâmides Demográficas da Zona da Mata Mineira para as Décadas de 1960 a 2000

Fonte: Trabalho elaborado com base nos dados do IBGE para as respectivas décadas

Observa-se que as pirâmides mais características são as da década de 1970 e as da década de 1990. As pirâmides da década de 1980 representam o processo de transição entre a pirâmide triangular e a pirâmide arredondada. As pirâmides de 2000 indicam a estabilidade da população que se movimentou com maior intensidade até a década de 1990. Percebe-se que a pirâmide paulista mantém a característica de região receptora de população, mas percebe-se também que a Zona da Mata Mineira, região tipicamente expulsora até 1980, incorpora jovens e adultos em 1990 e amadurece essa população até 2000.

Pelo processo histórico característico da Zona da Mata, pode-se considerar que a atual estrutura de sua pirâmide tem uma conotação diferenciada em relação às pirâmides das outras regiões. As bases da economia da Zona da Mata sempre estiveram associadas à cafeicultura, à pecuária e, no período do PROALCOOL, à cana-de-açúcar, atividades que passaram por graves crises de preço de custos de produção, muitas vezes em função da própria escassez de mão-de-obra.

A atividade cafeeira tem-se recuperado, porém é acompanhada de maiores exigências de mercado, o que tem excluído muitos produtores da valorização do seu produto. A atividade canvieira teve significativa queda com o desaquecimento do incentivo à produção de álcool e com o fechamento da usina de Visconde de Rio Branco, onde havia grande concentração da cultura de cana na Zona da Mata. Com a modernização da agricultura e ocupação do cerrado, a produção de grãos da Zona da Mata não passou dos níveis de subsistência. Enfim, o histórico econômico da região poderia levá-la para o caminho da estagnação populacional.

No entanto, como proposto na hipótese inicial desse artigo, é possível atestar o processo de retenção da População Economicamente Ativa na região da Zona da Mata Mineira e inferir que este processo está ligado a uma tendência de reativação, remodelação e expansão de atividades locais, como a cafeicultura, o gado de leite, a fruticultura, a olericultura, a silvicultura, a criação de aves e suínos pelo sistema de integração, e os setores de mineração, industrial, comercial, de prestação de serviços e de educação, nos núcleos urbanos regionais. Pode-se mencionar com maior destaque a presença de empresas processadoras de alimentos, como a PIF- PAF alimentos e Sucos Tial em Visconde do Rio Branco, a presença da Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa, o crescente surgimento de instituições particulares de ensino no entorno dessa

cidade, e o pólo moveleiro de UBÁ, caracterizado pelo BDMG (2000) um cluster, o que indica grande movimentação da atividade econômica microrregional, o Sistema Cataguazes-Leopoldina, a usina de açúcar e álcool Jatiboca, na microrregião de Ponte Nova. Observa-se ainda que a Zona da Mata abriga a cidade de Juiz de Fora, um centro econômico e populacional significativo da região, e que nas últimas décadas assistiu ao crescimento populacional, educacional, industrial, comercial e de prestação de serviços, sendo inclusive escolhida para a implantação da fábrica da Mercedes Benz, iniciada em 1996, para a produção do veículo Classe A para o mercado interno e externo (BASTOS 2002).

#### **4. Conclusão**

Pode-se relacionar a dinamização da Zona da Mata Mineira como resultado de um processo de desenvolvimento local desencadeado pela interação de potencialidades locais em termos de meio de produção e mão-de-obra, viabilizados pelos efeitos do processo nacional de urbanização e modernização. Infere-se que a recessão econômica, afetando principalmente o eixo Rio – São Paulo, tornou viável, em termos de vantagens comparativas, explorar as potencialidades locais, bastante melhoradas pelo incremento dos meios de transportes e de comunicação, somadas à facilidade de acesso à tecnologia e métodos mais modernos de produção. Pode-se acreditar que a revolução tecnológica característica da década de 90, principalmente, na área da tecnologia da informação, tende a consolidar esse processo, uma vez que regionalização geográfica não mais implica em isolamento social, econômico e tecnológico.

## 5. Referência Bibliográfica

BASTOS, S. Q. de A. Juiz de Fora: Análise do Desenvolvimento Industrial e dos desafios Colocados pela Implantação da Mercedes Benz. In: **Seminário Sobre a Economia Mineira**. 10, 18 a 22 de julho de 2002, Diamantina. Diamantina: Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em [www.ufmg.br](http://www.ufmg.br). Acesso em abril 2003.

BDMG. Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. **Economia Mineira 1989: Diagnósticos e Perspectivas**. Belo Horizonte: BDMG, 1985. v.5.

BDMG. Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Área de Planejamento e Controle. Departamento de Planejamento, Programas e Estudos Econômicos. **Zona da Mata. Diagnóstico e Indicações de Ações Prioritárias para seu Desenvolvimento**. Belo Horizonte: BDMG, 2000. 158 p.

IBGE. **Censo Demográfico do Brasil**, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Disponível em [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em maio de 2003.

IBGE. **Censo Demográfico do Estado de Minas Gerais**, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Disponível em [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em maio de 2003.

IBGE. **Censo Demográfico do Estado de Minas Gerais**. Macrorregiões: Zona da Mata, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Disponível em [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em maio de 2003.

IBGE. **Censo Demográfico do Estado de São Paulo**, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Disponível em [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em maio de 2003.

LEE, E. S. Uma Teoria Sobre a Migração. In: **Migração Interna, Textos Selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. 95-114.

MORAES, I. R.D. Dinâmica Demográfica e Desenvolvimento no Brasil. **Revista de Humanidades**, Caicó: UFRN, v1. n2. Disponível em [www.seol.com.br](http://www.seol.com.br). Acesso em junho/2003.

POCHMANN, M. O Fenômeno do desemprego no Brasil: Diagnóstico e Perspectivas. In: BEDIN G. A. (org.) **Reestruturação Produtiva, Desemprego no Brasil e Ética nas Relações Econômicas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. p 35 – 107.

RAVENSTEIN, E. G. As Leis da Migração. In: **Migração Interna, Textos Selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. v.2. 117-30.